



## REPRESENTAÇÃO DE MASCULINIDADES HOMOSSEXUAIS EM ROMANCES DE JOSÉ LINS DO REGO

Samuel Rodrigues da Rocha (autor)

Maria Lúcia da Silva Nunes (orientadora)

*Universidade Federal da Paraíba*

sr.rocha@hotmail.com

**RESUMO:** Este artigo é parte dos resultados obtidos em uma pesquisa de Mestrado realizada na linha de História da Educação e objetiva discutir a representação de masculinidades homossexuais nos romances *Menino de engenho*, *Doidinho* e *Usina* do escritor José Lins do Rego. A partir do aporte teórico sobre representação, gênero e masculinidades, apresenta como o escritor paraibano discursivou em seus romances as relações homoeróticas como um processo de constituição de subjetividades masculinas. Reflete sobre as relações de poder e os jogos de representações que estão presentes nos discursos sobre masculinidades na década em que os romances foram publicados, concluindo que nos anos iniciais da década de 1930 as relações homoeróticas eram vistas como uma consequência da urbanização pela qual a sociedade brasileira estava passando e como um processo de iniciação aos modelos de masculinidades necessários ao ser macho no Nordeste.

Palavras-chaves: Masculinidades, Homossexualidade, José Lins do Rego.

Este artigo visa discutir as produções de masculinidades homossexuais em romances de José Lins do Rego, especialmente nos romances *Menino de Engenho* e *Doidinho e Usina*. Tomando por base teórica autores como Chartier (2002 e 2011), Scott (1989) e Albuquerque Júnior (2008) reflete como a homossexualidade era discutida na produção romanesca desse autor e circulava nos discursos da década de 1930.

Diante do quadro de representação de masculinidades na obra de José Lins do Rego, trazemos a visão de Chartier (2011), que, discutindo as identidades sexuais, mostra como elas ilustram uma prática histórica da

atualidade, que é compreender como os discursos estruturam as relações de dominação e como essas relações dependem de recursos desiguais e de interesses que se opõem, separando os que legitimam o poder daqueles asseguram a submissão. Em suas palavras,

A reflexão sobre a definição das identidades sexuais, que Lynn Hunt designava em 1989 como uma das características originais da “new cultural history” constitui uma ilustração exemplar da exigência que habita hoje em toda a prática histórica: compreender, ao mesmo tempo, como as representações e os



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

discursos constroem as relações de dominação e como essas relações são elas mesmas dependentes dos recursos desiguais e dos interesses contrários que separam aqueles cujo poder legitimam daqueles ou daquelas cuja submissão asseguram – ou devem assegurar. Então, tal como a entendo, a noção de representação não está longe do real nem do social. (CHARTIER, 2011, p. 23).

Isso se dá, segundo Scott (1989, p. 28), porque “homem” e “mulher” são categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não tem nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contém ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas”. (SCOTT, 1989, p. 28). (Grifos da autora).

Portanto, acreditamos como Chartier (2002), que as representações contidas em *Menino de engenho*, *Doidinho* e *Usina* de José Lins do Rego e em discurso jornalístico que trabalhamos neste texto mostram que a noção de representação não nos afasta do real nem mesmo do social. Pelo contrário ela ajuda os historiadores a fugirem de uma ideia equivocada do real, pois segundo ele,

Ajuda os historiadores a se desfazerem da ‘ideia muito magra do real’, como escrevia Foucault, que durante longo tempo foi a

sua, insistindo na força das representações, sejam elas interiorizadas ou objetivadas. As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é. Nesse sentido, produzem as brechas que rompem às sociedades e as incorporam nos indivíduos (CHARTIER, 2002, p.51 - 52).

As representações de masculinidades trabalhadas são imagens vivas, eivadas de “energia própria” e construtoras de significados sociais. Os discursos não são, portanto, neutros, mas produzem estratégias e práticas que tendem a impor um posicionamento de quem os utiliza. Discursos que evidenciam todo o jogo de forças sociais, que estão atreladas àqueles que os enunciam e aos grupos sociais aos quais pertencem. Nosso esforço neste texto é buscar descortinar esse jogo de forças. Procurando seguir os princípios teóricos propostos por Chartier (2002), quando afirma que

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

[...]. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas -, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Tendo sempre em mente as duas perguntas feitas por Scott (1989, p. 5), “como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como é que o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico?” Dessa forma,

compreemos gênero com uma “categoria útil para a análise histórica”.

Com esse olhar teórico nos aproximamos de um tema pouco explorado na obra de José Lins do Rego e que está no âmbito das relações horizontais e se constitui fundamental para a discussão de gênero, é o tema da homossexualidade. Um tema recorrente na obra do autor, aparecendo em vários romances, entre eles *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Usina* (1936), *Riacho doce* (1939) e *Água-mãe* (1941); *Pedra bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953).

Albuquerque Júnior; Ceballos (2004) veem uma conexão direta “entre o desenvolvimento da vida urbana na região Nordeste e a emergência da homossexualidade”, como um modelo de subjetivação, aparecendo em todo romance regionalista de 30. Segundo eles, “autores como José Lins do Rego, José Américo de Almeida e Graciliano Ramos associam o surgimento de práticas homossexuais à urbanização”. Esses escritores teriam sido influenciados pelo pensamento de Gilberto Freyre, que via no declínio da “família patriarcal”, um dos sinais de desagregação da família nordestina tradicional. “Uma nova sociabilidade, assentada na família burguesa, estaria então em vias de se implantar. Isso traria, como uma de suas conseqüências, a



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

perda de mecanismos de controle tradicionalmente pelos pais sobre os filhos”, especialmente sobre as filhas, o que acabou possibilitando o surgimento de outras formas de vida longe do casamento e da família. “Dentre elas, inclui-se a do filho solteirão e devotado a amigos muito íntimos, ou a sobrinhos.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR; CEBALLOS, 2004, p. 139).

Em outro texto também Albuquerque Júnior (2008) tratou do assunto, no artigo *No Ceará tem disso não? Homossexualidade e nordestinidade ou a história dos homens tristes*, onde ele discute a questão da homossexualidade nas décadas iniciais do século XX, abordando o tema na obra de alguns escritores, dentre eles Gilberto Freyre e José Lins do Rego, tratando do silêncio em torno do assunto e de como é um tema fundamental para as discussões sobre masculinidades na região Nordeste. Segundo ele, a centralidade do falo na cultura nordestina estaria ligada a práticas homoeróticas, sem que isso fosse visto como algo negativo. Antes pelo contrário, como uma forma de preparação para ser masculino, desde que se fosse aquele que penetra.

Numa região onde a masculinidade é supervalorizada, o homoerótico, quando aparece, é como se fosse uma etapa de preparação para o ser masculino. Esta se assenta na própria admiração que os homens

teriam uns pelos outros e a desqualificação que sofre a mulher. A centralidade do falo, nesta cultura, seria um dos elementos que levariam às práticas homoeróticas, que, no entanto, ao contrário do que é definido pelo conceito de homossexualidade, não constituíram uma contraposição ao ser masculino. Penetrar outros homens seria mais uma prova de virilidade e macheza. Submeter outro homem é reafirmar ainda mais o seu poder de macho.

(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 466).

No contexto da produção das obras que estudamos, a desqualificação da mulher, tratada pelo autor como um dos fatores que abriria possibilidades para experiências homoeróticas, era muito presente. Guimarães (1931) também discute o papel da mulher na sociedade no *Seminário Novidade*, que foi publicado só no ano de 1931 na cidade de Maceió, onde José Lins do Rego morou nos anos em que publicou as obras *Menino de engenho* e *Doidinho*. Embora pareça não ter um discurso conservador, coloca a mulher debaixo de uma posição paternalista dos homens, que teriam que ser responsáveis por abrir espaços na sociedade para que a mulher fosse instruída e não tivesse o seu cérebro “esterilizado”, pois ele estava certo de que as mulheres estavam com “o seu cérebro reduzido á inercia por falta de exercicio como



as azas das aves que não voam, das galinhas por exemplo.” (Guimarães, 1931, p. 1).

Para não falar nos triviaes processos domesticos, no sonetismo enluarado e no bacharelato de adorno, muito pouco de acção tem interessado ás mulheres. Não lhes cabe, é verdade, inteiramente, a culpa desse desprezo de si mesmas. É justamente o homem quem mais tem trabalhado pela dissuasão de suas idéas emancipadoras. Negamos-lhes os recursos legaes, dificultamo-lhes as ascensões profissionaes e compromettemo-lhes os menores gestos, as mais innocentes attitudes. É aqui no Brasil, mais que em toda parte, se nota a generalização do velho conceito de que na mulher só vale a anatomia. Existem uns finos que lhe decantam as curvas e alguns até que lhe enxergam virtudes. (Guimarães, 1931, p. 1).

O modelo de virilidade discutido por Albuquerque Júnior (2008), onde uma relação homoerótica se constituía em uma preparação para o ser masculino, acontecia também na Grécia antiga. Os jovens eram afastados da cidade e passavam um período sob a convivência com um homem mais velho e de preferência da mesma classe social, depois retornavam à cidade, já prontos para assumirem as funções de adulto e estando aptos a se casarem. Sartre (2013, p. 38, 39) afirma que, ao ser afastado da cidade, o garoto vivia uma espécie de inversão, em relação às

normas da cidade, em vários aspectos, como a forma de se alimentar, caçando, roubando, ao invés de ir ao mercado, mas também passando por uma inversão sexual. Afirma que “relações sexuais masculinas e/ou travestimentos se integram ao conjunto de práticas homoeróticas como elemento constitutivo da virilidade grega”. Durante esse tempo o garoto deveria se comportar de modo contrário ao que se esperava dele sexualmente. Isso também se dava em relação às mulheres, que às vésperas do casamento cobriam o rosto com uma barba postiça.

Albuquerque Júnior (2008) interpreta que, em determinados modelos de masculinidades nordestinas, o sexo entre homens tinha esse caráter de experiência formadora e era representativa de modelos sociais de dominação e de hierarquias, que como já vimos, perpassam todas as relações de gênero.

Não há quem se considere homossexual. O sexo entre homens é considerado, inclusive, uma prática comum num determinado momento da infância, uma experiência formadora da própria masculinidade. Coisa besta de moleque, o troca-troca, para além de uma prática sexual, aparece como uma experiência que atualiza uma série de hierarquias que perpassam a própria sociedade. Hierarquia de idade: os meninos mais velhos tendem a utilizar a força, experiência e esperteza para levar os



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mais novos a exercerem o papel de femininos na relação sexual. Hierarquia de classe: os meninos mais ricos e poderosos tendem a se utilizar dos mais pobres e sujeitos socialmente como seus objetos sexuais. Hierarquia de cor: os meninos brancos, numa continuidade clara das relações escravistas, tendem a usar os moleques de cor como suas “mulherezinhas”. É evidente, no entanto, que estas hierarquias podem se inverter a qualquer momento. E este era o perigo que tais relações despertavam, principalmente em um momento de profunda desterritorialização por que passava as elites da região. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 443, 444).

No livro *Menino de engenho* é narrado de forma muito breve um contexto análogo. Já no fim do livro, quando o personagem Carlos de Melo está prestes a ir para o colégio e depois de ter provado de todo tipo de experiência sexual, inclusive com mulheres, nas palavras do romance estava com “vício” e estando já mais velho, tenta se aproveitar sexualmente de um moleque do engenho mais novo. “João Rouco deu-me uma carreira por causa do filho pequeno, que eu quis pegar.” (REGO, 2001, 145). O poder se faz perpassar nas relações de gênero, entre homens, entre mulheres, entre meninos, que ressignificam modelos de masculino e de feminino, que lhe são transmitidos pela sociedade.

Zica (2011) também trabalha essa binaridade “homem-masculino-ativo” x “mulher-feminino-passivo” nas relações entre homens e mulheres, ao comentar discursos de periódicos mineiros do século XIX, evidenciando como nos discursos masculinos o falo é central para o exercício da sexualidade. São continuidades no discurso masculino e até feminino sobre masculinidades e virilidades que se ressignificam constantemente.

Dividindo, assim, a sexualidade em, de um lado, pólo homem-masculino-ativo, e, do outro, pólo mulher-feminino-passivo, os autores construíam uma visão bastante conveniente aos homens já que em tal concepção apenas o detentor do pênis tem o poder de agir, de praticar, de instaurar o ato sexual, inclusive. Esse pensamento reitera a idéia de que sem a presença dele, falo, a sexualidade chega mesmo a ser impossível. Toma assim foros de imprescindível, tamanha a importância de que se reveste. Mas o interessante é que o autor vem lembrar disso justamente num período em que muitas mulheres assalariadas, em espaços urbanos, estão dizendo justamente o contrário, mostrando que a presença de um homem na casa já não era tão importante, tão indispensável assim. Será que na sexualidade também?. (ZICA, 2011, p. 80).



Braga-Pinto (2006), por sua vez, discutindo o contexto em torno da década de 30, faz uma crítica ao livro *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke e nessa crítica aponta a coragem da autora de trabalhar um tema polêmico, a questão da homossexualidade na vida de Gilberto Freyre, que alguns consideram sem importância para se compreender a obra do sociólogo, com o que o autor não concorda, mostrando que o próprio Freyre nunca deixou de falar no assunto.

O seu “diário” de adolescência comenta, de passagem, seu interesse pelas relações homoeróticas. É conhecida sua entrevista para a revista *Playboy* (mar.1980), na qual conta suas “poucas e não satisfatórias aventuras homossexuais”; suas duas únicas “seminovelas” tratam abertamente do desejo homossexual; e em um de seus contos publicado pela revista *Ele e Ela* (abr.1976) o narrador se refere ao “personagem” Gilberto Freyre com uma provocação pseudo-biográfica: “Dizia-se que não gostava de moça e que vivia mais rodeado de rapazinhos. Não era bem assim”. (BRAGA-PINTO, 2006, p. 284, 285). (Grifos do autor).

Segundo o autor, toda a obra de Freyre — e *Casa-grande & senzala* em especial — “se vale da homossexualidade e da bissexualidade, seja literal ou

figurativamente, para explicar desde o próprio estilo até o caráter nacional brasileiro (a bissexualidade não deixando de ter relação com o mencionado *equilíbrio de antagonismos*)”. (BRAGA-PINTO, 2006, p. 284, 285). (Grifos do autor). Desse modo, ele vê que o elemento biográfico é importante para a compreensão da obra do sociólogo, pois faz parte da própria biografia que Gilberto Freyre criou para si, e para a visão própria que teve sobre o Brasil.

Torrão Filho (2005) é outro autor que discute sobre o assunto. Ele afirma que da mesma forma que para se compreender o feminino necessita-se do masculino e vice-versa, é também necessário entender a homossexualidade para se entender a ambos e que a homossexualidade é “parte constituinte, e constitutiva da masculinidade, o mesmo valendo para o lesbianismo em relação à feminilidade.” (TORRÃO FILHO, 2005, p. 145). Ele também mostra a necessidade da homossexualidade, assim como a sexualidade em geral serem vistas para além das relações sexuais e serem significadas a partir de seu ingrediente de afetividade e de amizade.

Também devemos entender a homossexualidade para além do sexo: dentro da homossexualidade (e da sexualidade em geral) há afeição, amor e amizade. A amizade, aliás, esteve sempre muito ligada ao amor, na Antiguidade, onde os amantes eram



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

denominados amigos, nas canções medievais, as Cantigas de Amigo, no francês moderno e seu *petit(e) ami(e)*, e inúmeros outros exemplos. (TORRÃO FILHO, 2005, 151).

Em *Doidinho* as relações homoeróticas aparecem em algumas situações. A amizade de Carlos de Melo com Coruja é interpretada por Mendonça, apelidado de Pão-duro, como uma relação homoerótica. “Um dia o safado do Pão-duro me insinuara com aquela malícia ordinária: — Vocês dois estão trocando?” E dois colegas de fato se envolvem, o próprio Mendonça, mais velho, se envolve com Clóvis, um garoto mais novo, de dez anos.

Mas o dia de Pão-Duro chegou, ou melhor, a noite de Pão-Duro. Ele pensava, como todo apaixonado, que o mundo tinha os olhos e os ouvidos fechados: só eles existiam, só eles viam e ouviam: o resto era mudo e cego. Clóvis e ele dormiam no mesmo quarto, e os inimigos de Pão-Duro não dormiam. E deu-se o escândalo. Parece que foi João Câncio quem gritou de madrugada: “Seu Maciel, Mendonça está na cama de Clóvis.” (REGO, 2006, p. 139).

No regime disciplinar do internato começaram os interrogatórios. O diretor querendo responsabilizar os meninos que não o haviam informado sobre o que estava acontecendo. “— Desmoralizaram-me o

colégio!”, “— Cadê Maricota? Vão casar amarrados.” (REGO, 2006, p. 140). Eram as falas do professor e dos meninos, respectivamente, sobre a descoberta. Enfim Pão-duro é suspenso do colégio com o pai prometendo uma surra ao professor Maciel.

Também em *Doidinho* é mencionado um personagem que vivia no engenho, chamado Mané Pereira. “Era o negro que pedia esmola para são Benedito. Andava de opa pelas estradas, com um prato na mão cheio de rosas e uma coroa de prata dentro.” (REGO, 2006, p. 166). Comentavam que ele era homossexual, ou nas palavras do livro, comentavam sobre sua honestidade. “— O negro cai com os quartos! Sustenta os homens com o dinheiro do santo. Sei lá! Podia tudo ser mentira. O andar miudinho do negro velho é que trazia aquelas suspeitas vergonhosas.” (REGO, 2006, p. 166).

Observa-se que o personagem teria um andar feminino, que o denunciava, pois como mulher chamava a atenção para a região dos quadris, contudo ele era respeitado, pelo menos na sua frente ninguém lhe dizia nada, era respeitado por sua relação com o sagrado, respeitado pelas mulheres e até pelas raparigas. O mesmo personagem aparece mencionado em *Usina*.

Lembrou-se dos tempos de menino, servir-se de outro. Lembrou-se dos tempos de menino, das porcarias que faziam entre si na bagaceira. [...] Coisa de





## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

menino. Só por vadiagem besta. No engenho havia no entanto um velho dado àquela história. Era o negro Pereira que tirava esmola para os santos. Chamavam de tio Mané Pereira e ele sempre tinha um moleque fornido, morando em sua casa. [...] E Mané Pereira dormia na sua cama de vara com moleques que eles todos conheciam. [...] E as mulheres tinham o preto na conta de grande. Nenhuma que se atrevesse a uma palavra menos respeitosa. Até as raparigas sabiam respeitar o grande concorrente. (REGO, 1985, p. 27, 28).

Em *Usina* temos as páginas mais ricas para quem deseja estudar a questão da homossexualidade na obra de Lins do Rego. Segundo Bueno (2006), o homossexualismo<sup>1</sup> é um dos temas constante no romance de 30, destacando a narração da relação entre o moleque Ricardo e o cozinheiro Manuel na prisão de Fernando de Noronha, narrada em *Usina*. Ele vê da seguinte forma o relato dessa relação homoerótica, citando as palavras do narrador, que é de terceira pessoa.

O homossexualismo, aliás, é mais um dos temas que o romance de 30 incorporou de forma definitiva à ficção brasileira e um autor como José Lins do Rego, que muito reiteradamente relacionou sexo e sujeira, o tratou com surpreendente delicadeza, como forma de amor e não tara ou doença,

em *Usina*, quando Ricardo está preso em Fernando de Noronha e tem um relacionamento com o cozinheiro Manuel, em que até algo de maternal se manifesta, já que os carinhos do cozinheiro tinham “aquela ternura que era uma mistura de agrado de mãe e de rapariga.” (BUENO, 2006, p. 356).

Albuquerque Júnior (2008) vê a relação entre o moleque Ricardo e o cozinheiro Manuel como repleta de ambiguidade, uma vez que é uma relação que passa de relação estritamente sexual entre dois presidiários em um ambiente sem mulher e se transforma em uma relação afetiva. É uma relação repleta de significados, uma vez que seu Manuel era branco, loiro e cometera três assassinatos e Ricardo era negro, filho de escrava e extremamente dócil. Mas nessa relação os papéis sociais se desestruturam. Seu Manuel assume o lugar do feminino. Ricardo que passou a vida servindo agora era servido por um homem loiro e mais velho que ele. O autor lê da seguinte forma a construção dessa relação por José Lins do Rego:

José Lins traça um quadro de profunda ambiguidade quando trata da relação entre Ricardo e seu Manuel. Uma relação que nasce como uma simples relação de órgãos, como uma simples relação sexual, que gera nojo em Ricardo e angústia e sofrimento em seu Manuel. Relação que se complexifica à medida que avança para uma relação

<sup>1</sup> A palavra homossexualismo foi utilizada aqui por estar no texto do autor. A nota cabe pela impropriedade do termo nos dias atuais.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

afetiva, amorosa. Como toda relação de gênero, existe entre Manuel e Ricardo uma série de elementos e significados sociais que são postos em jogo e valorados de formas diferentes, expressando também imbricadas relações de poder, [...] (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 453).

Depois que é libertado de Fernando de Noronha e volta a sua terra, morando em um barracão na usina, Ricardo sente saudade de seu Manuel e tinha vergonha dessa saudade. Considera o amor de seu Manuel maior que o amor de todas as amantes que tivera no Recife, maior mesmo que o amor de sua mãe Avelina.

Às vezes, quando ficava nos fundos do barracão, vinham-lhe umas saudades esquisitas. Lembrava-se de seu Manuel. E era do que não queria se lembrar pela vergonha que tinha. Parecia coisa absurda pensar naquilo. Um homem precisando de outro para certas coisas [...] Lembrava-se de seu Manuel. Lembrava-se mais dele do que de Isaura [...] Quando abria os olhos estava pensando em seu Manuel. Nunca mais viu uma amizade que fosse escrava de outra como aquela. Nunca mais que uma pessoa lhe quisesse tanto bem, lhe fosse tão dedicada. (REGO, 1985, p. 134).

Na década de 1930 os discursos trabalhados nesse texto mostram como as interações entre masculinidades e

homossexualidade eram percebidas. A homossexualidade é representada como uma manifestação que vem a reboque do processo de urbanização que a sociedade brasileira passava na década de 1930.

A valorização do falo na cultura nordestina e a consequente desvalorização da mulher por não possuí-lo permitem que as relações homoeróticas sejam vistas como um processo natural de iniciação de masculinidades exigidas no contexto discurso dos textos literários trabalhados, desde que nessas relações o homem fosse aquele que penetra e não o que é penetrado.

O jogo de representações que está presente nas páginas dos romances de José Lins do Rego evidencia as relações de poder e de dominação existentes nessas relações, relações de poder que perpassem todas as relações de gênero.



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. No Ceará tem disso não? Homossexualidade e nordestinidade ou a história dos homens tristes. *In.* ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos destinos da fronteira: história, espaços e identidade regional.** Bargaço. Recife, 2008. pp. 440-468.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de e CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência homossexual no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. *In.*: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.); **Masculinidades.** São Paulo: Boi Tempo Editoria. Santa Cruz do Sul. Edunisc, 2004. pp. 129-150.

BRAGA-PINTO, César. Os “desvios” de Gilberto Freyre. Crítica de Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. São Paulo. Ed. Unesp, 2005. **Novos estud. – CEBRAP.** n.º 76. São Paulo. Nov. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n76/17.pdf>> <http://www.scielo.br/pdf/nec/n76/17.pdf>>. Acesso 29 jan. 2016.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002.

\_\_\_\_\_. Defesa e ilustração da noção de representação. *In.*: **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011. Disponível em <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/viewFile/1598/955>>. Acesso em 24 set. 2015.

GUIMARÃES, Alberto Passos. Notas sobre um sexo. *In.*: **Semanario Ilustrado**

**Novidade.** N.º 6, Maceió-AL, 16 de maio de 1931.

Rego, José Lins do. **Usina.** 12.ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

\_\_\_\_\_. **Menino de engenho.** 80.ª ed. Rio de Janeiro; José Olympio, 2001.

\_\_\_\_\_. **Doidinho.** 41.ª ed. Rio de Janeiro; José Olympio, 2006.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. *In.*: **História da virilidade.** A invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Vol. 1. CORBIN, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. (Orgs.). Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. pp. 17-70.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. **Gender and the politics of history.** New York, Columbia University Press. 1989. Trad. Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila. Disponível em <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAAnero-Joan%20Scott.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAAnero-Joan%20Scott.pdf)>. Acesso em 20 ago. 2015.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu (24)**, janeiro-junho de 2005, pp. 127-152. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a07.pdf>>. Acesso em 22 jul. 2015.

ZICA, Matheus da Cruz e. **Diversificação dos modos de ser masculino e estatização da violência masculina na escrita literária e jornalística de Bernardo Guimarães (1869-1872).** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.